

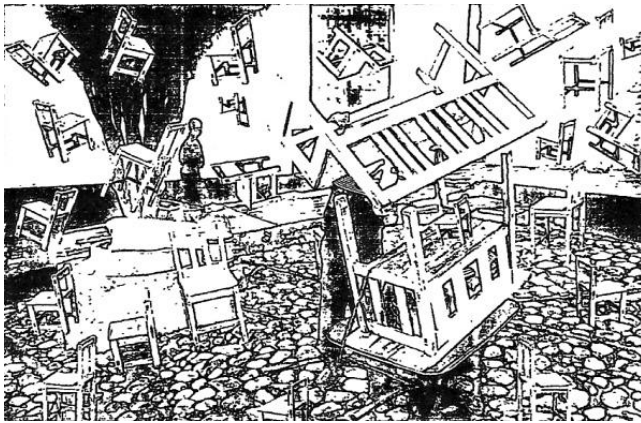
# UMA IMAGEM

## IMAGEM em (con)textos

*Glaucia Campos Guimarães*

*"As palavras são como gente, se vão à praia se despem,  
se estão no inverno se agasalham".*

*[Lenine]*



**R**essaltei a fala(1) de Lenine para, além de concordar, complementar: as imagens e sons também são como gente! As imagens que circulam socialmente não são transparentes e não significam por si só. Em (con)textos diferentes, assim como palavras e sons, assumem sentidos diversos, produzidos na sua articulação com outras linguagens.

Vi a imagem acima na capa do documento do Banco Mundial que trata da lacuna entre as Tecnologias da Informação e da Comunicação e a Educação(2). Por estar neste texto, a imagem sugeria uma sala de aula devastada por algo muito potente. Nada ficou incólume: nem mesmo a parede onde haveria um quadro negro. Em meio às ruínas, apenas ficou de pé o que parece ser um(a) professor(a), sem energia vital, convertido(a) em múmia, como carcaça ereta presa ao tablado que a erigia em relação ao chão da sala, imobilizada e de cabeça baixa diante do fantástico fenômeno.

Os objetos peculiares às salas de aula aparecem jogados para o alto pelo objeto magnetizador. Os alunos parecem ter sido abduzidos pelo fenômeno ou objeto, talvez por ser mais atraente ou mais eficiente que o(a) professor(a).

Embora não seja possível identificar o que causou a destruição, podemos identificar pistas de onde a hecatombe tenha surgido. Ao observar uma enorme fenda na parede na qual geralmente se prende o quadro negro – um dos ícones da sala de aula tradicional –, o prodigioso fenômeno parece ter sido originado de algum artefato.

A articulação desta imagem ao texto escrito, centrado na lacuna entre educação e tecnologia, na perspectiva da substituição tecnológica (saem os professores para a entrada dos computadores), faz dela quase um ícone, consideradas as condições de produção do discurso do Banco Mundial – o contexto, a situação (lógicas, interesses de ordem econômica etc) e os interlocutores (autores e leitores do documento).

Depois pude ver, em letras miúdas na introdução ao documento (p.4), que a imagem em questão é a fotografia *The explosion of the green chairs*, do artista mexicano Pedro Meyer, do livro *Truths and Fictions. A Journey from Documentary to Digital Photography* (New York: Aperture, 1995), incluída no Programa de Arte do Banco Mundial, que “empreende esforços para identificar artistas de países em desenvolvimento e tornar o seu trabalho disponível a um público mais amplo”.

Por se tratar de artista de renome internacional, foi fácil localizar informações a respeito na internet<sup>(3)</sup>: saber que os títulos das fotos não visam a conter a sua polissemia e ter acesso à imagem original que, colorida e não recontextualizada no texto, não é a “mesma”!



Esta imagem não “bate” com a reconfigurada e recontextualizada. A presença da cor muda completamente o quadro. Sem a reconfiguração, a figura humana destacada ganha movimento, outra figura se torna visível e a imagem se abre a múltiplas leituras, sem sugerir a hecatombe descrita acima. Na recontextualização, articulada a outras linguagens, tende a ser menos polissêmica, *orientando* os sentidos possíveis de acordo com o que se quer dizer/mostrar e o que se quer ouvir/ver em determinada circunstância. Em outras palavras, a imagem também é como gente! Dependendo da situação, “ambivalente como nós, palavras [sons e imagens] preparam armadilhas ou abrem portas de sedução. Embalam ou derrubam, enredam em doces laços, ou nos matam dolorosamente – como punhais” (LUFT, 2004, p.14).

(1) Enunciada em entrevista no programa "Zoobido" do Canal Brasil.

(2) *WORLD BANK. Closing the Gap in Education and Technology*

(3) Disponível em: *The Chronicle of Higher Education*

## REFERÊNCIAS

– LUFT, Lya. *Pensar e transgredir*. São Paulo: Record, 2004.

### sobre o(a) autor(a):

Professora da UERJ (Faculdade de Formação de Professores).

Doutora em Educação pelo ProPEd, continua integrando o grupo de pesquisa

"Educação e Comunicação". 